

BGV NA PAZ: PRÁTICAS EDUCATIVAS MODERNAS DE SEGURANÇA

Evandro dos Santos Nunes^{*}

Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer^{**}

Resumo: Este texto compõe passos iniciais de estudos relacionados a uma política pública de segurança denominada BGV na Paz. Essa política pública foi construída para frear os números elevados de homicídios ocorridos na cidade do Rio Grande - RS, no ano de 2014, em especial no bairro Getúlio Vargas (BGV ou Cedro). Em termos metodológicos, utilizamos uma série de estratégias para esta operação: a realização de busca permanente nos jornais de circulação diária da cidade, por questões relacionadas com a violência e acompanhamento dos passos veiculados para a implantação do programa BGV na Paz. A partir desses levantamentos problematizamos alguns modos de funcionamento do programa e conectamos essas práticas com alguns mecanismos tratados por Michel Foucault em suas teorizações, principalmente os mecanismos disciplinares e de segurança. Constatamos também que o programa BGV na Paz se constitui de diversas práticas, das quais as tratamos como mecanismos modernos visando educar determinado segmento da população da cidade, bem como, tratamos o programa como regulador as relações de poder para fazer viver os indivíduos que estão ou que possam entrar para as estatísticas dos crimes.

Palavras-chave: Modernidade. Disciplina. Segurança. Biopoder.

Introdução

As mudanças que vêm acontecendo nas esferas econômicas, sociais e culturais tem refletido também no campo educacional, seja esse campo escolar ou não. O período de mudanças nas esferas as quais nos referimos refletem alguns atravessamentos de um período *ethos* característico da pós-modernidade (HENNING, 2007) ou modernidade líquida

* Graduação em Educação Física – Licenciatura - FURG, especialista em Educação Física Escolar – FURG, mestrando do Programa de Pós - Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: evandro.amigos.vcs@hotmail.com

** Graduação em Educação Física - Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Pelotas (1986), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999) e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências - FURG (2012). E-mail: felipao.rg@hotmail.com

(BAUMAN, 2001). À pós-modernidade ou modernidade líquida corresponde uma atitude que vem colocando sob suspeita muitas das estruturas construídas pela modernidade. Estruturas tais como, a busca pela verdade verdadeira das coisas, o entendimento da ciência como a única e legítima explicação do mundo, bem como, a proposição do método científico como sendo o único caminho para a produção do conhecimento. A modernidade é alvejada no projeto inicial que arrogou para si, através da ciência e do método rígido, a tarefa de ser a solução de todas as mazelas existentes, para construir uma sociedade perfeita e prever riscos indesejados.

Somado ao método rígido e a ciência, a modernidade buscou através de instituições como a escola, o hospital, a família, a prisão e outras, utilizando dos dispositivos disciplinares, produzir um sujeito autocentrado capaz de autorregular-se. Essas instituições, as quais Foucault (2007) “chamou de instituições de sequestro dos corpos individuais” são, até hoje, as responsáveis por “educar”¹ os indivíduos. Essas instituições modernas de educação também têm sofrido abalos em relação às suas formas de atuação.

O projeto da modernidade de uma sociedade perfeita falhou e vem falhando ao longo dos tempos. Muitas estruturas construídas pela modernidade continuam a funcionar nesse período, porém aumentam as dúvidas e as problematizações em torno dessas e seus mecanismos. Nesse sentido, outros olhares se abrem e outras possibilidades vão sendo construídas nos mais diversos setores da sociedade. As possibilidades construídas no período contemporâneo têm sido mais humildes do que os saberes construídos pela modernidade, e a isso entendemos como uma atitude pós-moderna, ou seja, as dúvidas com relação às “estacas” fixadas pela modernidade. A pós-modernidade é um sintoma que deixa para trás o desvelamento das coisas, a essência do sujeito autocentrado, a *verdade verdadeira* das coisas, a ciência como única e legítima explicação do mundo. Ao mesmo tempo, esse sintoma é pouco conhecido por nós (HENNING, 2007, p.177).

A pós-modernidade afrouxou e deslocou algumas “estacas” fixadas pela modernidade ao longo dos tempos. Ainda assim, com relação à pós-modernidade não a devemos tomar como um período que emerge e ganha “corpo” para solucionar os problemas, nesse caso, problemas educativos herdados pela modernidade. Entretanto tirar “estacas” do lugar não significa colocar outras no mesmo, uma das possibilidades lançadas pelo atravessamento da pós-modernidade é que as produções de saberes podem ser pensadas de acordo com o

¹ Tratamos a questão da educação como instâncias ou âmbito no qual se ensina e se aprende algo, como modos de viver, entre outros.

surgimento de demandas. Assim a pós-modernidade se caracteriza por um momento histórico que não é posterior à modernidade, e sim um período que convive com algumas metanarrativas modernas, mas que dá as costas a qualquer tentativa de ser a solução ideal de entraves. Assim

[...] a Pós-modernidade pretende a rejeição à totalidade, a universalização dos saberes, uma das máximas do modelo científico presente no início do paradigma da modernidade. Assim trago como identificação deste tempo a marca da desconfiança às metanarrativas criadas pela modernidade (HENNING, 2007, p.178).

As mudanças devido às rachaduras nos projetos modernos da sociedade, principalmente na educação, não é de fácil aceitação para nenhum de nós professores que investigamos os espaços escolares e não escolares nos quais funcionam práticas educativas. As certezas sobre as questões relacionadas à educação perderam espaço para as incertezas e nós fomos forçados a intervir em nossas investigações e práticas diárias sem contarmos com um caminho pré-determinado para seguir. Esta instabilidade não é fácil, uma vez que fomos criados no solo moderno que durante muito tempo tentou nos dar garantias sobre ações educativas e investigativas. Então, pode-se compreender que:

[...] alguns lamentem sobre o vazio atual e desejem, no âmbito das ideias um pouco de monarquia. Mas aqueles que, uma vez em suas vidas, encontraram um tom novo, uma nova maneira de olhar, uma outra maneira de fazer, estes, acredito, jamais experimentarão a necessidade de se lamentarem de que o mundo é um erro, a história, saturada de inexistência, e já é hora de os outros se calarem para que, se possa ouvir a sineta de sua reprovação...(FOUCAULT, 2005, p. 306).

Nesta esteira, temos pensado e problematizado algumas práticas educativas não escolares, que têm sido dirigidas ou direcionadas a determinadas parcela e segmentos das populações da cidade do Rio Grande - RS. As práticas educativas não escolares a que nos referimos é o programa de segurança pública denominado, BGV na Paz, que tem por objetivo geral frear o crescente número de confrontos e homicídios que tem em 2014 o maior índice registrado de todos os tempos. Em função dos altos índices no número de homicídios e atos ilícitos na localidade, emerge uma população como um problema e uma dificuldade a ser resolvida, em um bairro da cidade que é responsável por 30% do total de homicídios registrados no ano anterior. O bairro se chama Getúlio Vargas e é orgulhosamente reconhecido como BGV ou Cedro. Este bairro está situada próximo ao centro da cidade, e é o local que mais tem causado “mal estar” (BAUMAM, 1998) no que se refere à violência.

O objetivo desse texto é problematizar algumas das práticas lançadas pelo programa BGV na paz para a uma população de “indivíduos de 12 a 24 anos de idade” (POLL, 2014, p.

10) tratados como violentos, sem educação e propensos a se envolver com ações ilícitas. Perante o encontro com as práticas trataremos delas como sendo propostas educativas de âmbito não escolar e ao mesmo tempo faremos uma conexão com as teorizações de Michel Foucault, principalmente com os dispositivos disciplinares e de segurança para dar contorno ao estranhamento que temos com relação à proposta de segurança no BGV. Em termos de operação metodológica, operamos uma série de atitudes, tais como, a busca permanente nos jornais de circulação diária da cidade sobre a emergência e implantação do programa BGV na Paz, seus contornos e deslocamentos, bem como suas práticas e objetivos. Além do busca pelo que estava dito nos Jornais, procuramos pessoas envolvidas na implementação dessa proposta e mantivemos um diálogo com as mesmas.

Ainda na questão da operação metodológica, outra atitude que tomamos foi à questão de nos pautarmos na problematização das práticas do programa que nós tomamos como disciplinares e de segurança e como sendo para educar. Porém, a problematização não se dará no sentido de tentar apontar soluções para as mais diversas questões relacionadas ao programa, as suas práticas e seu público. Ao mesmo tempo a problematização não se dará no sentido de examinar se a proposta educativa do programa cumpre com o que promete alcançar. A problematização se dará para tentar continuar os olhares e as reflexões sobre as práticas de atuação do BGV na Paz diante da questão da segurança, da qual temos muitas dúvidas a respeito da mesma.

1 A disciplina e a segurança tomados como dispositivos para educar no programa BGV na Paz

A Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Rio Grande do Sul divulgou nesta quinta-feira (29) os dados estatísticos de 2014. [...] Rio Grande registrou 55 homicídios em 2014 – são os piores índices desde 2002. O crescimento é o mesmo no Estado. Os assassinatos deste ano representam um aumento de [...] 54% em Rio Grande em relação ao ano de 2013 (FARACO, 2015 s.p).

Iniciamos essa etapa do texto com o excerto retirado do Jornal Agora, visto que as práticas educativas, lançadas pelo poder público através do programa BGV na Paz que serão problematizadas a partir de agora, se dão no sentido da preocupação, que tem sido a busca por educar determinada população, a fim de evitar o crescimento da violência na cidade. O BGV na Paz, em suas ações de implantação de policiamento ostensivo, de câmeras de monitoramento e políticas sociais de diversos setores, partem de ações que estavam relacionadas ao programa do Governo Estadual denominado Território da Paz e que já faz

parte de agendas de algumas cidades do Rio Grande do Sul - RS, um exemplo é a cidade de Canoas que teve nos últimos anos a implantação do programa Território no Bairro Guajuviras.

O programa proposto para o BGV vem a se somar à escola e as mais diversas instituições da localidade para tentar dar conta de evitar confrontos entre indivíduos residentes ali. Entre as propostas de práticas educativas que vêm sustentando o funcionamento do programa, esta imbricada a implantação de projetos sociais esportivos, na qual o esporte é usado como veículo de intervenção educativa e a implantação de outros projetos de lazer e cidadania. O programa foi pautado também pela implantação de um policiamento ostensivo por parte da Brigada Militar, para manter uma vigia ativa no bairro, ao mesmo tempo é cogitada a utilização de câmeras para monitoramento e a possibilidade do uso de tornozeleira eletrônicas em indivíduos com passagens criminais. Nos trechos a seguir podemos identificar um pouco do que foi citado até o momento:

Diferente de outras comunidades onde o programa Território da Paz foi instalado, primeiramente entraram as políticas públicas e melhorias. "O BGV na Paz é uma área onde se prioriza políticas sociais", frisou a gestora da Coordenadoria Políticas sobre Drogas, Alisson Saggiomo Juliano. Conforme anunciou ainda, o bairro será o piloto para o programa. "Vamos avançar para outras áreas da cidade", explicou. Toda implantação foi dividida em três linhas de trabalho: serviços, projetos e polícia, com toda sua estrutura (policiamento comunitário, Patrulha Maria da Penha, policiamento ostensivo e guarda municipal (POLL, 2014, p. 10).

Rio Grande recebe nesta terça feira (12) a Patrulha Maria da Penha, mais três núcleos de Polícia Comunitária e uma delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente. A solenidade de entrega será às 14 h, no largo Engenheiro João Fernandes Moreira, s/n, em frente a Prefeitura do Rio Grande. O secretário da Segurança Pública, Airtón Michels participará do ato (FERNANDES, 2014, p. 10).

Atualmente apenas seis câmeras, das 21 existentes do sistema de monitoramento do Município, estão em funcionamento. Em razão deste pequeno número de equipamentos operando, amanhã (5), a prefeitura Municipal do Rio Grande realizará um pregão presencial para empresas com interesses em colocar o sistema de vigilância em funcionamento novamente, além de fazer sua manutenção (POLL, 2014, p. 10).

Entre as práticas educativas, as quais são atribuídas a responsabilidades por fazer funcionar o programa chamaram nossa atenção às questões relacionadas ao policiamento comunitário ostensivo, a patrulha Maria da Penha e a implantação de câmeras para monitoramento. Essas ações que tomamos como educativas que estão e serão colocadas em funcionamento pelas instituições citadas acima, nos remetem a fazer uma conexão com os dispositivos disciplinares da qual Michel Foucault tratou em alguns períodos de suas teorizações. Para o autor a "A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram está

de acordo com a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares” (FOUCAULT, 2014 p 181-182). Ainda que tal afirmação se refira aos funcionamentos de espaços institucionais como fábricas, quartéis, hospitais, escolas etc., não podemos deixar de registrar a ênfase que o programa coloca sobre a função de vigilância.

As técnicas disciplinares que têm seu funcionamento nas instituições militares, a qual o programa coloca dentro de suas atuações, refletem na sociedade atual, como práticas educativas modernas, que visam administrar os corpos dos indivíduos. As formas que a Brigada Militar e seus contextos vêm atuando cotidianamente nos remetem ao entendimento que a mesma busca vigiar, corrigir, punir e é responsável também por “individualizar as multiplicidades” (FOUCAULT, 2008, p. 10) características de uma educação pautadas em pressupostos modernos que ambiciona administrar e prevenir as situações adversas e construir uma sociedade perfeita. Ainda para o autor:

A disciplina também, é claro, se exerce sobre o corpo dos indivíduos, mas procurei lhes mostrar como, na verdade, o indivíduo não é na disciplina o dado primeiro sobre o qual ela se exercia. A disciplina só existe na medida em que há uma multiplicidade e um fim, ou um objeto, ou um resultado a obter a partir dessa multiplicidade. A disciplina escolar, a disciplina militar, a disciplina penal também, a disciplina das fábricas, as disciplinas operária, tudo isso é uma determinada maneira de administrar a multiplicidade, de organizá-la, de estabelecer seus pontos de implantação, as coordenações, as trajetórias laterais ou horizontais, as trajetórias verticais e piramidais, a hierarquia, etc. (FOUCAULT, 2008 p 16).

As questões relacionadas à disciplina que encontramos nas obras de Foucault tem constituído o funcionamento dessas instituições governamentais, nos setores citados, ou seja, no policiamento, na instalação de aparelhos para monitorar e na patrulha Maria da Penha. Porém, percebemos que a questão de disciplinar os indivíduos através da administração das multiplicidades não são processos que hoje se dão de única maneira. Ao entrar mais afundo nas informações dos jornais de circulação da cidade que remetem aos funcionamentos do programa, nos deparamos com uma questão de relevância para o estudo e que corrobora para o funcionamento das práticas disciplinares. O esquadrinhamento do local de atuação do programa, ou seja, conhecer melhor o espaço onde esta destinada as ações educativas torna as intervenções mais eficazes em se tratando de funcionamento e acaba possibilitando a união dos mecanismos disciplinares com os mecanismos de segurança. Percebemos na fala de duas autoridades responsáveis pela implantação do programa um pouco do que problematizei acima

Já foram mapeadas áreas para trabalhar em parceria, com implantação de projetos sociais. "Temos que entrar para fazer diferença", salientou Alisson. O superintendente do Gabinete GGI-M, Daniel Nascimento, ressaltou: "vamos trabalhar para conquistar espaços, serviços e projetos" (POLL, 2014, p. 10).

Ao depararmos com a questão do esquadramento e do mapeamento das áreas de atuação no bairro, por parte dos proponentes no programa, percebemos a entrada de uma forma de poder centrado na vida das populações, que foi tratada por Foucault em períodos de suas teorizações, essa forma de poder é o Biopoder. Ou seja, a produção de um saber sobre a população que vai permitir exercer práticas de segurança na mesma. Essa tecnologia, diferentemente da disciplinar incidirá não no corpo do indivíduo e sim na população como um todo. Um exemplo claro dessa nova tecnologia é a produção de um conhecimento estatístico, que remete a produção de um conhecimento pautado agora em um problema que tem sido a população do BGV. As questões estatísticas estão presentes no programa BGV na Paz, principalmente quando apresentam que “30% dos homicídios realizados na cidade, foram no BGV” (POLL, 2014, p.10). Esse novo mecanismo vem a somar-se ao mecanismo disciplinar para fazê-lo funcionar de outras maneiras.

Porque, a final de contas, para de fato garantir essa segurança é preciso apelar, por exemplo, e é apenas um exemplo, para toda uma série de técnicas de vigilância, de vigilância dos indivíduos, de diagnósticos, do que eles são, de classificação da sua estrutura mental, da sua patologia própria, etc., todo um conjunto disciplinar que viceja sob os mecanismos de segurança para fazê-los funcionar (FOUCAULT, 2008, p 10).

Quando nos “saltou aos olhos”, no contato com os jornais analisados o funcionamento do programa, a entrada de outros mecanismos, diferentes dos disciplinares até então mapeados, que são os mecanismos de segurança, conseguimos fazer o exercício de olhá-los como mecanismos de reconfiguração de uma sociedade que vem mudando ao longo dos tempos. A entrada do mecanismo de segurança não significa superar o disciplinar e fazê-lo desaparecer. Tratamos a questão do mecanismo disciplinar como um processo principal que buscou nortear as práticas educativas no período moderno. Porém, com algumas mudanças de configuração e abalos em determinadas segmentos da modernidade, conectamos a emergência da questão dos mecanismos de segurança e o colocamos como um processo que emergiu para tentar dar conta das novas demandas que foram e estão emergindo. Para Foucault (2008, p.14) “A segurança é uma certa maneira de acrescentar, de fazer funcionar, além dos mecanismos propriamente de segurança, as velhas estruturas da lei e da disciplina”.

Arriscamo-nos, sem nenhum medo e colocamos os mecanismos de segurança como emergindo em um período de atravessamentos e fissura na modernidade, por isso pós-moderno. E assim como tratamos anteriormente, os mecanismos de segurança são atravessamentos pós-modernos de uma sociedade que falhou em seu projeto inicial de uma sociedade disciplinar. Com relação à disciplina, entendemos a mesma como produzida no seio da modernidade, mas que mesmo sofrendo abalos e críticas, não foi abandonada ou deixou de existir. Os mecanismos disciplinares continuam em funcionamento, seja nas práticas educativas que compõem o programa BGV na Paz ou em outras instituições que vão além das militares, tais como, a escola, o hospital, a fábrica e outras.

Os mecanismos disciplinares e de segurança, do modo como são tomados por nós, têm a função educativa dentro do programa BGV na Paz, de regular as relações de poder para fazer viver não somente a população do BGV, mas uma população que “sofre” com as consequências de uma conduta não aceita em uma cidade. Quando colocamos a questão de um poder que atua sobre o meio, prevenindo o que não pode ser aceitável em termos sociais, não estamos tratando os proponentes Governamentais do programa como os detentores do poder sobre aquela população. Mais uma vez concordamos com Foucault que o poder é algo que se exerce. Voltando para a questão do poder exercido pelos proponentes Governamentais, o programa está em funcionamento para evitar o número alto de homicídios na localidade. Nesse sentido, a intervenção se coloca para fazer viver a população do BGV. Assim a questão do Fazer viver e deixar morrer:

Aquém, portanto, do grande poder absoluto, dramático, sombrio que era o poder da soberania, e que consistia em poder fazer morrer, eis que aparece agora, com essa tecnologia do biopoder, com essa tecnologia do poder sobre a “população” enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de “fazer viver”. A soberania fazia morrer e deixava viver. E eis que agora aparece um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e deixar morrer [...] Ora, agora que o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no “como” da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências, daí por diante a morte, como termo da vida, é evidentemente o termo, o limite, a exterioridade do poder (FOUCAULT, 2005, p. 294 e 295).

Ao nos laçarmos na empreitada de construir este texto, não estamos nos propondo a produzir uma forma eficaz de diminuir os números elevados de violência na cidade e em especial no BGV. Também não queremos com a escrita, fazer a verificação se o programa cumpre com seus objetivos, e ao mesmo tempo não estamos tentando esgotar todas as

possibilidades possíveis de análise de funcionamento do mesmo. O que buscamos foi tratar a emergência do programa como uma prática educativa que esta pautada em mecanismos que tratamos como modernos e pós-modernos, mecanismos que já vêm a algum tempo fazendo parte da agenda de diversas instituições responsáveis por gerir as práticas educativas, sejam elas escolares ou não.

Considerações finais

Para esse texto, tomamos o programa BGV na Paz como constituindo um processo para educar a população do BGV, visto que o mesmo se propõe a intervir nas formas de vida daquela comunidade. Além de intervir nas formas de vida, tomamos o programa como uma forma de gerir aquela população para que os mesmos não causem mais “mal estar” (BAUMAN, 1998) do que vêm causando atualmente, e isso se torna uma forma de educar. Como colocamos anteriormente, essa problematização que o texto trás, não significa que estamos propondo descartar a implantação e o funcionamento do programa. Nesse sentido não nos atrevemos a buscar soluções ideais ou possibilidades rígidas para a questão da violência na cidade e seus contextos, pois as soluções rígidas ou totais não existem em uma sociedade como a contemporânea que muda de configuração rapidamente.

Nesse processo rápido de mudança de configurações, o que nos atrevemos a realizar é lançar possibilidades, não para a questão da segurança da cidade e nem para o programa BGV na Paz, mas sim para pensar as nossas práticas educativas, sejam elas escolares ou não, de intervenção ou de investigações. A possibilidade que lançamos é a mesma que nos passou Larrosa (2002, 2003 e 2004) que é a de realizarmos ensaios sobre as questões que nos causam estranhamentos. Ensaios não como realidade, mas como possibilidade, o ensaio em primeira pessoa e que possibilite ensaiar-nos na atualidade ou no presente.

Ainda nesse contexto e para o autor o ensaio que possibilite nos tornarmos sujeitos da experiência, ou seja, aquele sujeito que pensa, analisa, apreende e escuta mais devagar. E assim sendo, um sujeito que aceita suas limitações perante a missão nobre que é educar. Para concluir, não existem respostas solidas para questões relacionadas à educação, existem construções que vamos realizando ao longo das intervenções em nosso campo de atuação, que acabam por formar os caminhos que vamos trilhando em nossas práticas. E a partir dos caminhos trilhados temos aceitar que as atitudes que tomamos hoje para realizar nossos trabalhos podem falhar em outros tempos e contextos, e a partir desse fato teremos que trilhar outros caminhos e buscar outras possibilidades.

Referências

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FARACO, Camila. Pelotas e Rio Grande registram os piores índices de homicídios em 12 anos. **Radio Gaúcha**, Porto Alegre, jan 2015. Disponível em: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/pelotas-e-rio-grande-registram-os-piores-indices-de-homicidios-em-12-anos-129291.html>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

FERNANDES, Tatiane. Rio Grande recebe Patrulha Maria da Penha e amplia Policia Comunitária. **Jornal Agora**. Rio Grande, 12 de agosto de 2014. Policia, p.10.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Microfísica do poder**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. O filósofo mascarado. In: **Ditos e Escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 34. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

HENNING, Paula. Profanando a ciência: relativizando seus saberes, questionando suas verdades. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.2, p.158-184, jul.\dez. 2007.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira da Educação**, n. 19, jan.-abr., Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

LARROSA, Jorge. **O ensaio e a escrita acadêmica**. Educação & Realidade, v.28, n 2, p.101-115, 2003.

_____. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.29, n. 1, p. 27, 2004.

POLL, A. BGV na Paz é lançado oficialmente. **Jornal Agora**. Rio Grande, 14 de dezembro 2014. Políticas Publicas, 10.

_____. Projeto de uso de tornozeleiras eletrônicas é apresentado em Rio Grande. **Jornal Agora**. Rio Grande, 19 de setembro 2014. Segurança, p. 10.